

América Latina e Espanha e o entrelugares de um historiador da ciência: uma entrevista com Leoncio López-Ocón

Latin America and Spain and the in-between spaces of a historian of science: an interview with Leoncio López-Ocón

Katya Braghini | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0002-7790-2884>

katya.braghini@gmail.com

Kelly Ludkiewicz Alves | Universidade Federal da Bahia

<https://orcid.org/0000-0002-5487-2758>

kellyludalves@gmail.com

Resumo A entrevista com Leoncio López-Ocón, pesquisador do Consejo Superior de Investigaciones Científicas e presidente da Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas, aborda sua trajetória como historiador das ciências, destacando sua pesquisa sobre Jiménez de la Espada e a redescoberta de um patrimônio iconográfico significativo a respeito desse naturalista. O pesquisador discute os desafios enfrentados na academia, sua entrada no campo da história das ciências, a importância da ciência aberta, de uma historiografia com diversidade documental, e da salvaguarda do patrimônio científico. Sua trajetória é marcada por um desejo de promover intercâmbios culturais e científicos entre a Espanha e a América Latina, a ampliação da presença de mulheres e jovens pesquisadores no âmbito acadêmico, e pelo entusiasmo pelas redes, buscando fortalecer a pesquisa acadêmica.

Palavras-chave ciência espanhola – Marcos Jiménez de la Espada (1831-1898) – história das ciências – redes de pesquisa.

Abstract The interview with Leoncio López-Ocón, researcher of Consejo Superior de Investigaciones Científicas and president of Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas, addresses his journey as a historian of science, highlighting his research on Jiménez de la Espada and the rediscovery of significant iconographic heritage regarding this naturalist. The researcher discusses the challenges faced in academia, his entry into the field of the history of science, the importance of open science, a historiography with documentary diversity, and the safeguarding of scientific heritage. His career has been marked by a desire to promote cultural and scientific exchanges between Spain and Latin America, to increase the presence of women and young researchers in the academic field, and by his enthusiasm for networks, seeking to strengthen academic research.

Keywords Spanish science – Marcos Jiménez de la Espada (1831-1898) – history of science – research networks.

Introdução

Uma tapeçaria com tramas coloridas é a imagem recorrente quando trabalhamos com a entrevista com Leoncio López-Ocón, pesquisador do Departamento de História das Ciências no Centro de Ciencias Humanas y Sociales (CCHS) do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC-Madrid) e atual presidente da Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas (SEHCYT). A entrevista é um relato que revela seu profundo envolvimento com a história das ciências, forte compromisso com a divulgação do conhecimento e preocupação com o patrimônio histórico científico.

O pesquisador é doutor em geografia e história pela Universidade Complutense de Madri e mestre em ciências sociais com ênfase em história andina pela sede de Quito da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO). Realizou estágios de pesquisa no Centre de Recherche en Histoire des Sciences et des Techniques de La Villette em Paris, no Instituto Ibero-Americano e no Max-Planck Institute for the History of Science, em Berlim. Publicou diversos livros, dentre os quais destacamos *Breve historia de la ciencia española* (2003); a edição de *Los tónicos de la voluntad de Santiago Ramón y Cajal* (2015); assim como *Marcos Jiménez de la Espada (1831-1898): tras la senda de un explorador* (2000), em colaboração com Carmen María Pérez-Montes; *Los americanistas del siglo XIX: la construcción de una comunidad científica internacional* (2005), em colaboração com Jean-Pierre Chaumeil e Ana Verde Casanova, e seu livro mais recente, de 2023, *El cénit de la ciencia republicana: los científicos en el espacio público* (curso 1935-1936). Dirigiu diversos projetos de pesquisa que lhe permitiram criar diferentes mecanismos de publicação das ciências, como foi o caso de “La Comisión Científica del Pacífico: de la expedición (1862-1866) al ciberespacio (1998-2003)” – para divulgar as vicissitudes da expedição científica ultramarina mais importante da Espanha do século XIX –, que recebeu menção honrosa no XVII Prêmio Prismas Casa de las Ciencias a la Divulgación, concedido pelos Museos Científicos Coruñenses.¹ Em 2023, coordenou o projeto de digitalização e divulgação do acervo do médico madrilenho Germán Somolinos d’Ardois (1911-1973), que exilou-se no México no contexto da Guerra Civil Espanhola.² Coordenou o programa de atividades de I+D, financiado pela Dirección General de Investigación de la Consejería de Educación de la Comunidad de Madrid com o projeto “Ciencia y educación en los institutos madrileños de enseñanza secundaria a través de su patrimonio cultural (1837-1936)” (CEIMES - S2007/HUM-0512).³ Atualmente coordena, com o Álvaro Ribagorda, da Universidade Carlos III de Madri (UC3M), o “Proyecto de Cooperación Intelectual de la Sociedad de Naciones: presencia española e iniciativas afines” (CISDNE).⁴

López-Ocón começou sua trajetória acadêmica com um interesse inicial pela história da América Latina, estudando aspectos do americanismo e se concentrando na história de Jiménez de la Espada (1831-1898) como historiador e naturalista, apresentando-o como um legado cultural tanto para a história latino-americana quanto para a história das ciências. O pesquisador reflete sobre sua trajetória científica, sobre os desafios em ser um autor entre fronteiras de áreas do conhecimento e sobre o ofício do historiador. Vemos aqui o entrelaçamento das

1 Para conhecer essa pesquisa, acesse: www.pacifico.csic.es.

2 Para conhecer essa pesquisa, acesse: <http://biblioteca.cchs.csic.es/GermanSomolinos/>.

3 Para conhecer essa pesquisa, acesse: www.ceimes.es.

4 Para conhecer essa pesquisa, acesse: <https://www.uc3m.es/investigacion/cisdne> (PID2022-141696NB-I00).

pesquisas com as emoções e o rigor do investigador, resultando em uma narrativa fluida que revolveu sua memória.

Como pesquisador, enfatiza a importância da ciência aberta e do acesso à informação, destacando como as novas tecnologias transformaram a pesquisa histórica. Sua visão de historiador global, capaz de acessar fontes de conhecimento de qualquer lugar, reflete otimismo e esperança em relação ao futuro da pesquisa. A ideia de construir redes entre pesquisadores e incentivar os laços de amizade por meio das pesquisas é elemento recorrente na entrevista.

Atualmente, como presidente da SEHCYT, aborda questões contemporâneas, como a condição da mulher nas ciências e a formação da juventude, indicando um compromisso com novos objetos e abordagens dos temas de pesquisa e com a renovação dos quadros acadêmicos como legados de sua passagem no posto, se mostrando uma pessoa entusiasmada pelo seu trabalho.

Esta entrevista foi concedida a Kelly Ludkiewicz Alves, da Universidade Federal da Bahia e a Katya Braghini, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em um café no bairro de Chamberí, na tarde fria de um inverno madrilenho. Assim fluíu uma conversa agradável, aquecida por um delicioso chá:

Entrevistadoras: Inicialmente, como historiador, você não se dedicava à história das ciências. O que marca sua guinada para esse campo de investigação?

López-Ocón: Quando eu era jovem, trabalhava com pesquisas no campo do americanismo, por volta dos anos 1980, mas, sabendo que havia latino-americanos interessados no passado e no presente das ciências, foi bom para mim me incorporar à Sociedade Latinoamericana de História das Ciências e da Tecnologia (SLHCT), naquele momento liderada por Antonio Lafuente (Espanha), Luiz Carlos Arboleda (Colômbia), Juan José Saldaña (México), todos interessados no passado das ciências na América Latina, tentando conectar o conhecimento histórico do passado com as necessidades do presente. Era interessante essa ligação, porque minha pesquisa era sobre um naturalista espanhol que tinha viajado pela América do Sul. Foi nesse período que me defini profissionalmente, inicialmente no campo do americanismo, por meio de um estágio do então chamado Instituto Ibero-Americano de Cooperação (atualmente a Agência Espanhola de Cooperação Internacional, EFID), indo fazer um mestrado em história andina – compreendida como história da área entre o Chile e a Venezuela –, entre 1984 e 1985, na sede da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), em Quito. Eu era o único europeu no curso e nesse espaço fiz muitos amigos. O curso foi realizado no Equador, que fornecia materiais, recursos etc. Depois, retornei a Madri para fazer pesquisas sobre história andina, trabalhando como americanista. Recebi então uma bolsa, da Fundação Caja Madrid, para trabalhar no Conselho Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), com pesquisas para um programa de mobilização das relações culturais e científicas entre Espanha e América Latina, organizado para comemorar o V Centenario del Encuentro de Dos Mundos. Em Quito tinha ouvido falar, pela primeira vez, de um americanista espanhol chamado Marcos Jiménez de la Espada.

Entrevistadoras: Este é assunto que marca sua virada para a história das ciências?

López-Ocón: Sim. Marcos Jiménez de la Espada (1831-1898) é um naturalista que se torna historiador, e iniciei o estudo de sua vida e obra. Havia outro colega que estava estudando a expedição científica em que Jiménez de la Espada esteve presente e procuramos não fazer duas teses sobre a mesma expedição. Portanto, optei por fazer a pesquisa sobre esse naturalista

importante, que foi conhecido e admirado na América e cuja memória havia se perdido. Acontece que uma parte do arquivo sobre ele foi mantido no CSIC. O fato é que eu conhecia Jiménez de la Espada como historiador, mas não tinha informações e conhecimento dele como naturalista. E a minha chegada ao CSIC coincidiu com a entrada de dois colegas da nascente sociedade. Eu estava em um departamento de história da América, eles no departamento de história das ciências. Portanto, passei a valorizar o diálogo com eles, o que me faz lembrar da atração que o trabalho da sociedade exerceu sobre mim, sendo muito importante seu dinamismo e seu diálogo com os colegas latino-americanos. Isso me impeliu a dar um salto, da história da América para a história das ciências. Estava, portanto, metido nos estudos sobre o americanismo, interessado no diálogo com um dos líderes da antropologia andina, John Murra. Tendo o seu passaporte apreendido pelo governo dos EUA, na era do macarthismo, ele se refugiou na biblioteca de Nova Iorque para fazer seu doutorado sobre a organização econômica do império inca, lendo crônicas sobre a região produzidas por Cieza de León que, ao percorrer o Peru, no século XVI, relata suas conversas com os descendentes do império inca, que foram editadas por Jiménez de la Espada no século XIX. Isso, juntamente com outros materiais, é o que permite a John Murra, fazer seu livro sobre a organização econômica do Estado inca. Então, enquanto eu estava fazendo a tese de doutorado sobre Jiménez de la Espada, estava também conversando com historiadores das ciências latino-americanos. Há conexões entre uma história e outra.

Entrevistadoras: Podemos supor que os entrelaçamentos entre sua trajetória de vida e de pesquisa, as condições institucionais e os assuntos propostos criaram uma ambiência interessante para a sua passagem de um campo ao outro.

López-Ocón: Foi uma negociação difícil. Porque eu não tinha formação como historiador das ciências. Mas tive vontade de dar esse salto, de me juntar a todo aquele movimento coletivo de reflexão e pesquisa sobre a história das ciências na América Latina via Jiménez de la Espada, e comecei também a criar um programa de trabalho sobre ciências na América Latina. Esse programa de trabalho foi difícil para mim, uma espécie de salto no vazio, porque era como começar de novo. Assim, me interessei em explicar por que uma expedição científica, partindo da Espanha, vai para a América, no século XIX. Havia uma certa historiografia que indicava o desinteresse da Espanha pelo continente americano, que só teria sido recuperado no Quarto Centenário de Descobrimento da América (1892). Acontece que meus estudos, com base na revista *La América*, que é publicada ininterruptamente entre 1857 e 1874, indicavam que havia interesse, por parte de certas elites econômicas e políticas espanholas, pelo mundo americano. Dentro dessa ofensiva americanista é organizada a Expedición Científica del Pacífico. Como eu disse, naquele momento, nos anos 1980, eu estava pensando no domínio das relações político-econômicas, na era do imperialismo, no século XIX, em que a América se abriu à Europa; e a revista *La América*, a Comissão Científica do Pacífico, e o trabalho historiográfico de Jiménez de la Espada mostravam essa permanência do interesse espanhol pela América. Fui descobrindo aos poucos como fazer história das ciências na América, no século XIX. Entre 1990-1991, após dois anos como pós-doutorando na Espanha, consegui uma bolsa para ir ao exterior, para me formar historiador das ciências. Fui a Paris e o local que escolhi é um centro de história das ciências anexo ao Musée de la Villette. Mas, antes de ir a Paris, é importante dizer, interagi com os historiadores das ciências do CSIC, principalmente com José Sala Catalá e Antonio Lafuente. Ambos tiveram grandes projetos na Sociedade Latino-Americana de História das Ciências. Estava escrevendo um artigo sobre um congresso que aconteceu em junho de 1991 e foi organizado

por três sociedades científicas: a latino-americana, espanhola e estadunidense.⁵ É um diálogo trilateral, multilateral, para pensar sobre a dinâmica global das ciências e como essa dinâmica é incorporada na região latino-americana e no sul da Europa. Na época o tema discutido era o da ciência e o Novo Mundo, e o que o aparecimento da América significou para o conhecimento científico no cenário mundial e suas consequências. Desse debate surge o livro *Globalização da ciência e da cultura nacional* e uma revista que foi considerada muito importante, a *Quipú*. E foi neste momento, com uma tese de doutoramento recém-concluída, conhecendo essa comunidade, porque dezenas de historiadores das ciências norte-americanos, latino-americanos, espanhóis vieram a Madri para esse encontro, que fui incumbido de apresentar e moderar uma conferência de José Luis Peset, além de participar de uma sessão que me deu o estímulo para estudar a história das ciências na América Latina. Participei de um simpósio dedicado às associações científicas nacionais. Esse estudo envolveu elementos importantes na minha carreira e na minha vida: a preocupação com a mídia, com a imprensa, o estudo sobre o rádio.

Entrevistadoras: Você mencionou um estágio recém-concluído de pós-doutorado, feito em Paris, que o apresentou ao mundo científico, fazendo com que passasse a trabalhar com a historiografia das ciências. Qual é a sua memória sobre ele e como ele se encaixa na sua trajetória de pesquisador e na institucional?

López-Ocón: Estive nesse simpósio sobre associacionismo científico porque, quando pesquisei sobre Jiménez de la Espada, investiguei um setor que o lia e, quando ele morre, se une em uma homenagem que lhe é prestada, especialmente na arrecadação financeira, porque ele morreu numa situação econômica difícil. Trata-se da Sociedade Geográfica de Lima, onde existiu um importante grupo de pessoas que apreciavam o trabalho de Jiménez de la Espada. Pois bem, essa sociedade me chamou a atenção. Ela publicava um boletim, que passei alguns meses lendo, e foi esse estudo que apresentei pela primeira vez no mencionado congresso em Madri, para historiadores da geografia e da história das ciências. Esse é o meu primeiro trabalho conhecido na América Latina, e já foi publicado em vários lugares. Por exemplo, na *Terra Brasilis*, revista editada por historiadores brasileiros da geografia. Assim, abri uma linha de pesquisa sobre história das ciências na América Latina. Por meio dessa linha fui para Paris, para uma formação de historiador das ciências, para o Centro La Villette, onde existe um grupo importante de pesquisadores que trabalha com os públicos da ciência, dirigido por Bernadette Bensaude-Vincent, colaboradora de Michel Serres. Nesse momento, escrevi um pequeno artigo do qual gosto muito, que é uma abordagem sobre os museus de história natural do século XIX. Continuei trabalhando com o associacionismo científico e participei de uma conferência na Unesco, na qual abordei o funcionamento de diversas sociedades geográficas latino-americanas. Isto é, depois da Sociedade Geográfica de Lima, entre Paris e Berlim, trabalhei com materiais de outras sociedades geográficas, da Argentina, da Bolívia, da Costa Rica. Retornei à Espanha e, quando quis continuar a pesquisar o assunto da história das ciências na América Latina, investigando o associativismo dos cientistas, encontrei a coleção iconográfica de Jiménez de la Espada.

Entrevistadoras: Jiménez de la Espada foi um assunto que deu origem a muitos outros trabalhos. Esse sujeito é um elemento importante na sua trajetória intelectual e profissional. O seu histórico apresenta reveses, intercâmbios e transformações, o que nos faz pensar que a nossa trajetória de pesquisa é a nossa própria vida.

5 O trabalho está publicado em López-Ocón (2024, p. 19-38).

López-Ocón: Eu tinha escrito a tese de doutorado com os papéis de Marcos Jiménez de la Espada com cartas, com relatórios, com suas notas de trabalho, com os documentos que ele viu em Madri, em Sevilha... Mas, durante a viagem americana, o grupo de naturalistas espanhóis estava acompanhado por um fotógrafo e artista, e esse material iconográfico estava escondido num sótão do CSIC, na rua Duque de Medinacelli 36, no centro de Madri, onde estava o Departamento de História da Ciência antes de mudarmos para o edifício da rua de Albasanz. Por volta de 1995-1996, chegaram alguns novos bibliotecários ao espaço, vasculharam o sótão e descobriram algumas pastas com as bordas corroídas, e dentro delas dezenas de fotos e uma centena de ilustrações e lâminas arqueológicas e etnográficas. Eles não sabiam que material era esse. Como eu tinha conhecimento sobre Jiménez de la Espada, me ligaram. Descobri o que um jornalista, mais tarde, chamou de “o tesouro escondido de Jiménez de la Espada”. Naquela época eu ainda não era pesquisador do CSIC, e passei um período me preparando para me tornar um profissional de história das ciências. No CSIC, participei de diversos concursos e o sistema de acesso era por meio de *oposiciones* (provas seletivas, concursos públicos), nas quais a banca também julgava os seus méritos científicos. Em um primeiro momento, minha situação era difícil, pois como vimos, eu tinha trabalhos como americanista, mas não tinha trabalhos como historiador das ciências. Então, a primeira vez que tive que defender um projeto de pesquisa, eu ainda estava entre a Europa e a América. Em seguida, apresentei um projeto de pesquisa sobre as redes de comunicação científica entre a América e a Espanha. Busquei integrar as preocupações científicas que vi na América e que vi em muitos jornais publicados em Paris pelo mundo hispânico, por espanhóis e latino-americanos. Revistas, por exemplo, promovidas por positivistas espanhóis e latino-americanos em meados do século XIX. Todos esses foram materiais que descobri na biblioteca da França, aos quais ninguém tinha prestado atenção até então. Um deles foi uma revista publicada por um socialista utópico espanhol, que criou o jardim botânico em Havana, chamado Ramón de la Sagra. Para incentivar a América Latina a estar presente nas exposições universais de Paris, ele criou essa revista, *El Eco Hispanoamericano*, com a intenção de estimular industriais e cientistas latino-americanos a irem a Paris. A revista teve boa circulação porque foi ajudada por alguém que mais tarde será muito importante na história do positivismo mexicano, um médico, Gabino Barreda. Pois bem, a revista circula. Vem a segunda tentativa, de outra *oposición*, na qual também não sou aprovado. Mas, gostei muito do assunto, cujo artigo final é um dos meus textos mais lidos na América Latina. Ele falava da América Latina nas exposições universais do século XIX, que estão relacionadas com o grupo de trabalho das ciências e dos seus públicos, de Paris. Essa história inclui um colóquio em Portugal, por ocasião da grande exposição de 1998, pela efeméride da viagem de Vasco da Gama. Juntamente com colegas portugueses organizamos um colóquio sobre as exposições universais como locais de transferência de conhecimento científico-tecnológico, como locais de culto ao progresso. Assim, trabalhei com materiais que tinha visto em Paris, onde na biblioteca havia uma seção dedicada às exposições universais, considerando que todos esses eventos eram acompanhados de conferências técnico-científicas. Lidei com muita documentação. Assim, fiz um artigo panorâmico e comparativo em que detectei que quem mais apostou na América Latina, com presença em exposições universais, foram os três grandes países nos quais o positivismo foi mais importante e onde houve maior preocupação técnico-científica: México, Brasil e Argentina. Esse trabalho mostrou meu interesse em vincular o americanismo e a ciência e assim, passei para o campo da história das ciências. No texto vemos um progressivo interesse dos países latino-americanos em participar de tais exposições. Na exposição de Paris (1889),

o México, por exemplo, tinha um pavilhão arqueológico imitando um templo mexicano, para mostrar a força da arqueologia daquele país. A Argentina também enviou muitos materiais. O Brasil idem. Aliás, o Brasil sempre manteve um alto nível nas suas participações. Acontece que sempre estive mais envolvido com o mundo hispano-americano, mas sempre encontrei informações sobre o Brasil e sempre prestei atenção nele. Entre outras coisas, porque a Expedição do Pacífico e Jiménez de la Espada dão muita atenção ao mundo brasileiro. Isso porque essa expedição também percorreu a costa brasileira, eles encontraram o imperador dom Pedro II, e depois retornaram aos trabalhos pela Amazônia. E um dos trabalhos mais interessantes de Jiménez de la Espada são suas obras sobre o Brasil. Ele viaja do Alto Amazonas até o Atlântico. E descobre a jornada de um português brasileiro, Pedro Teixeira, que percorreu a Amazônia rio acima. Jiménez de la Espada também fica sabendo o que fez Louis Agassiz, o pesquisador da Universidade de Harvard que, suponho, financiado por dom Pedro II, fez estudos científicos de natureza geológica na bacia amazônica. Sim, existem materiais sobre o Brasil em seu arquivo. Assim, avançam os anos 1990, as circunstâncias já não são tão favoráveis para financiamento como antes de 1992, e participo, e ganho, em uma *oposición*, o posto de historiador das ciências. Ganho porque o perfil da praça era para a área de história; nem da América, nem de história das ciências; história. Apenas uma vaga e quase sessenta concorrentes. Sinto também que eu já era uma “batata quente” para os responsáveis do CSIC. Eu já tinha 40 anos naquela época, era um pesquisador maduro. Ou perdido, ou híbrido. Não era daqui nem de lá. Era alguém estranho.

Entrevistadoras: E o que foi feito da coleção iconográfica de Jiménez de la Espada?

López-Ocón: Quando surgiu o “tesouro escondido” de Jiménez de la Espada retornei ao assunto, porque quem descobriu o tesouro escondido me convenceu de que esse material iconográfico e documental era de grande interesse e que deveria ser divulgado. Era um patrimônio que deveria emergir. Deixei-me convencer, afinal dediquei cinco anos da minha vida a Jiménez de la Espada. Foi um assunto importante para mim, entre 1996 e 2005. Envolvemo-nos com a ideia de tornar visível esse patrimônio iconográfico documental, por meio de novas tecnologias de informação e comunicação. Fizemos um projeto pioneiro, usando as redes, uma tecnologia emergente no mundo virtual para, primeiramente, fazer um arquivo virtual. Depois, para reconstruir virtualmente a jornada da expedição do Pacífico. Isso consumiu horas e recursos. Esse assunto se converteu em um protótipo, em um grande portal do CSIC para sua rede de arquivos, principalmente em algo chamado SIMURG.⁶ Esse é o portal dos fundos científicos do CSIC, do jardim botânico, do museu de ciências naturais. Tudo isso começa com os projetos que dirigi e coordenei entre 1998 e 2003. Sempre tenho tentado combinar o virtual com o real e com o trabalho científico. Desse período, destaco o livro que coordenei, sobre Jiménez de la Espada. Volto a ele, porque 1998 é o centenário de seu falecimento e passei a ter contato com uma neta dele. Bom, era uma família muito interessante e tinham guardado muitos papéis sobre ele, principalmente os vários netos que ele teve. Os seus diários de viagem agora estão acessíveis digitalmente. Passei seis anos reconstruindo virtualmente a jornada não só de Jiménez de la Espada, mas de toda a expedição, porque foi um projeto em várias fases. Disso resultou o arquivo virtual e o museu virtual da Expedição do Pacífico, que deu origem a um servidor, na Internet do Pacífico, que acabou recebendo um prêmio de divulgação científica. Há um programa na TV chamado “O tesouro verde” que nos dedicou dois programas, nos quais apresentamos à

6 Disponível em: <http://simurg.csic.es/> Acesso em: 2 out. 2025.

população o que foi aquela viagem. Foi uma viagem trágica, que expressa as dificuldades que os cientistas passavam. Eles tiveram muitas dificuldades para publicar sobre a viagem, dois deles morreram, é uma viagem que se confundiu com uma guerra, porque estavam em dois navios de guerra que se envolveram em um conflito bélico entre Peru e Chile. Havia ainda as feridas da independência que não estavam esquecidas... Enfim, é uma situação complicada a dessa viagem à América. Ainda assim, Jiménez de la Espada, afirmo, é um sujeito muito sensível ao ponto de vista americano e se torna uma espécie de emissário entre a América Latina e a Espanha, indicando que os espanhóis, para além de guerrear e de cobrar dívidas, também tinham vontade de conhecer e de dialogar com os americanos. De fato, esse cientista tinha boas relações com vários historiadores chilenos, colombianos, mexicanos, e como disse, com os integrantes da Sociedade Geográfica de Lima. Ele foi um ator decisivo na criação e manutenção dessas redes de sociabilidade no último quartel do século XIX. Por meio desse assunto, passei cinco ou seis anos coordenando integralmente o projeto e comecei uma experiência que combinava a pesquisa científica com o trabalho educacional. Divulguei o projeto, que teve sucessivos financiamentos. Primeiro, a Comunidade de Madri e depois o Ministério da Ciência financiaram o servidor na internet, com um trabalho colaborativo e de cooperação entre várias instituições. É nesse momento que comecei a coordenar grandes equipes para fazer o processamento informático sobre Jiménez de la Espada e a Comissão Científica do Pacífico. Colaborei com documentaristas, com trabalhadores do museu de ciências naturais, do jardim botânico, com bibliotecários – que foram fundamentais em todo esse processo de recolha e sistematização documental, e, para a exposição, fizemos parceria com catalães do Instituto Catalão de Tecnologia. Foram gerados produtos audiovisuais como um CD-ROM de fotografias com as 500 fotografias da expedição e um DVD sobre a expedição, em espanhol e inglês. Então esse é o pacote que oferecemos ao longo de seis anos de produtos culturais derivados daquela expedição científica. Em 2004 eu já estava exausto de trabalhar com a Comissão do Pacífico. Ficou um gosto de não ter conseguido fazer a biografia intelectual do historiador naturalista, mas, organizei um encontro no Museu da América, revelando como se formou uma comunidade de americanistas no século XIX, porque uma grande parte do trabalho de Jiménez de la Espada está associada a congressos de americanistas. Resumindo, trabalhei com a Comissão do Pacífico entre 1985 e 1991, quando fiz a minha tese, e depois, entre 1996 e 2004, com todo o processo de produção e difusão de conhecimento desse projeto. E o que aconteceu? Quando terminei o trabalho com Jiménez de la Espada e a Comissão do Pacífico, me perguntei o que fazer em seguida.

Entrevistadoras: Pensamos que a sequência do seu trabalho é continuar o seu trânsito por essas fronteiras epistêmicas. Caminhar entre áreas. Isso fica claro com a sequência da sua pesquisa sobre a Segunda República Espanhola. Você fez um estudo de uma *intelligentsia* progressista que se esforçou para que a Espanha fosse estruturada como um estado liberal e científico, que uma nova cultura científica fosse fundada no país. A Institución Libre de Enseñanza (ILE), os estudos com a Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas (JAE), aparecem claramente nessa história. Aqui vemos, inclusive a composição feita entre a história das ciências, a ideia de públicos da ciência, a história da educação, ao vermos que você passa a trabalhar com a patrimonialização dos objetos da ciência educacional etc.

López-Ocón: Sim, estudei Giner de los Ríos e Ramón y Cajal e todos os outros que estavam envolvidos nesse grande plano. Por que escolhi esse problema e esse período? Bem, o escolhi porque o período do sexênio democrático é o período em que os liberais avançados, os liberais

progressistas tentaram energizar o sistema educativo científico de uma forma intensa. E quem são esses liberais progressistas? Grande parte deles são os que fizeram a revista *La América*, que mencionei. Essa revista nasceu em 1857, editada por pessoas que haviam sido derrotadas depois de um biênio progressista. Mas, dez anos depois, estavam perto do poder novamente e começaram a perceber que deveriam gerar novas sinergias no país. Melhorar o sistema educacional, a Universidade de Madri, criar uma boa revista, uma revista de boletins da universidade, muita importância foi dada à educação e à educação das mulheres, criou-se a primeira rede de bibliotecas públicas etc. Eles adotaram o programa esclarecido de gerar conhecimento científico-técnico e ter um sistema educacional como elementos fundamentais para ter cidadãos educados, conscientes, ativos. Vários cientistas assumiram posições de poder e se comprometeram com esse programa de renovação científico-educacional. Houve um ministro do Desenvolvimento, José Echegaray, que criou uma rede de bibliotecas públicas. Ele é um engenheiro matemático que advogava a ideia de se aprofundar o papel da ciência e da tecnologia na política liberal, progressista, democrática. Ocorre que fiquei “zigzagueando” pelos projetos de pesquisa, pensando o papel da ciência na construção do Estado liberal. Estudei sobre a Comissão do Pacífico, publiquei o artigo “Ciência e progresso na Espanha elisabetana” – porque na década de 1860 houve um impulso científico ou técnico que se traduziu, por exemplo, na urbanização das cidades das universidades espanholas. É o que se conhece como planos de expansão que, em Madri, é visível no bairro de Salamanca e, em Barcelona, no plano urbanístico de Ildefonso Cerdá. As muralhas da cidade, muros medievais, foram quebradas e ocorre o triunfo de uma burguesia expansiva, que desenhou um espaço novo, também imitando o que aconteceu em Paris. A burguesia espanhola sempre olhava de maneira especial para a França. Esses períodos progressistas sempre foram estudados por historiadores da política, que em geral tendem a vê-los como períodos instáveis, cheios de conflitos políticos. No entanto, junto com esses fatores políticos, há elementos culturais que geram iniciativas técnico-científicas. O sexênio democrático esteve presente na consciência coletiva de gerações durante bastante tempo, pois suas conquistas reverberaram, ressoaram. É claro que, durante esse mandato democrático, alguns sujeitos perceberam essa instabilidade. Um deles é Giner de los Ríos, que considerou que a sociedade espanhola não estava suficientemente preparada em termos culturais, que é quando surge a Institución Libre de Enseñanza (ILE). Bem, me preocupei em retomar os assuntos das ciências na Espanha e o que surge como projeto é Santiago Ramón y Cajal. Porque minha esposa, à época, trabalhava no arquivo de Cajal e tinha acesso às suas cartas. Comecei a trabalhar com a Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas (JAE).⁷ E estando relacionados os históricos da JAE e do CSIC, passo a entender a herança, entender os ancestrais. Esse lugar no qual eu trabalhava, o que era? O atual Instituto de História foi chamado de Centro de Estudos Históricos (CEH) e passei a pensá-lo como lugar de memória, principalmente porque, enquanto estive ali, rodeado de livros, na rua Medinaceli, essa marca da memória esteve muito presente. Eu queria entender aquele mundo e o que também aconteceu antes e depois da guerra. Foi assim que o meu caminho se encontrou com a JAE, o que me levou a Cajal. Fiz uma nova edição do livro *Os tónicos da vontade: regras y consellos sobre investigación científica*, que é o discurso que Cajal fez ao ingressar na Academia de Ciências, em 1897. Foi editado em 2005, em comemoração ao centenário do recebimento de seu Prêmio Nobel. É uma obra que lhe agradou tanto que a

7 Instituição criada em 1907, para a promoção da política científica na Espanha, logo após a atribuição do Prêmio Nobel da Medicina a Santiago Ramón y Cajal (1852-1934), que a presidiu desde sua criação até 1934.

modificaria durante um quarto de século. Ele faz várias edições, ele a transforma. O seu discurso quer ensinar aos jovens pesquisadores como fazer um bom trabalho científico. Expondo regras e dando-lhes conselhos. Ele também acrescentou algumas reflexões sobre a política científica, em 1923. Minha ideia era entender o que significou para ele estar na presidência da JAE. O que significou essa instituição naquele outro momento de renovação científica, na Espanha do século XX. Passei a me interessar por sucessões. Pretendi entender a renovação científica que nasceu no final da década de 1850 com a organização da Comissão Científica do Pacífico. A geração do romantismo, de Jiménez de la Espada, que depois passou ao positivismo. Depois houve a geração já positivista, nascida em 1850, que é a de Cajal. Houve trabalhos importantes na década de 1880, um período interessante, quando se liberalizou a monarquia, antes da derrota na Guerra Hispano-Americana. Uma geração já positivista que estava muito viva e se renovou muito... Essa geração é a que deu força à JAE. E claro, algumas coisas estão ligadas a outras. Quando estava prestes a terminar a edição do seu livro, ocorreu um contato da parte do Instituto Cardenal Cisneros, em 2006, quando a professora Gabriela Ossenbach me contou que existiam nessa escola alguns animais taxidermizados, no Gabinete de História Natural, que eram americanos. Havia a necessidade da assinatura de alguém para pedir um financiamento para restaurá-los. E os membros da escola queriam catalogar o gabinete.

Entrevistadoras: E assim você passa a se interessar pela educação científica com base nos patrimônios de ciência nos institutos históricos de Madri. Você, portanto, amplia o seu vínculo com as fronteiras, agora, na relação entre história das ciências e história da educação.

López-Ocón: Com todo trabalho com a Comissão do Pacífico, eu tinha obtido experiência em catalogação de fundos e coleções científicas. No século XIX, muitos exemplares de animais uma mesma espécie foram distribuídos nos institutos, como material didático. Alguns deles foram enviados para a Escola Cardenal Cisneros. Identifiquei os macacos coletados por Jiménez de la Espada, em sua jornada pela Amazônia. E me associei ao pessoal do instituto para assinar os pedidos de financiamento junto à Comunidade de Madri. Havia um grupo de professores muito ativos, sobretudo uma professora, envolvida na conservação e no movimento de tornar visível esse patrimônio. Comecei a colaborar com ela, apresentamos projetos à Comunidade de Madri, o trabalho foi crescendo, oferecendo resultados, revelando os tesouros do Gabinete de História Natural, restaurando peças, se fazendo presente nas semanas de ciência. Os professores de outros institutos descobriram o que estávamos fazendo, e o projeto se ampliou para o Instituto Isabel, La Católica, onde existem fundos científicos muito importantes. Essa situação se converteu em uma bola de neve. A Comunidade de Madri passou a nos apoiar e criou alguns programas, dentre eles, a possibilidade de criar conexões e passamos a trabalhar com os institutos históricos de Madri abertos antes da Guerra Civil. Portanto, trabalhamos com quatro deles, Cardenal Cisneros, Isabel La Católica, Cervantes e São Isidro, recuperando seu patrimônio científico. Assim, replico a organização do servidor da Comissão do Pacífico, porque agora o trabalho é feito com docentes do ensino médio. São essas as pessoas que carregam o peso da catalogação, da conservação, da restauração, da visibilidade. Eu me encarrego da coordenação. Criamos um museu virtual das coleções científicas desses institutos. E isso me levou a entrar no mundo da educação científica e da ciência em outros espaços, outros lugares da ciência. Tratou-se da entrada em um território desconhecido, pois eu trabalhava com o Jardim Botânico, no Centro de Estudos Históricos, e agora estava nas escolas secundárias. E eu não conhecia bem a dinâmica do ensino secundário. Eu tive que começar a ler, me treinar. Dediquei-me a

esse projeto entre 2007 e 2012, mantido por um financiamento importante, conectado com diferentes universidades e centros de ensino, e fui acumulando conhecimento sobre o ensino secundário. E claro, conectando as diferentes gerações científicas, seus desafios e conquistas, ao longo de todo o século XIX e no primeiro terço do século XX. Porque os institutos foram criados em 1837, 1845, na época do jovem Jiménez de la Espada, e passam a adquirir materiais científicos importantes pelas mãos do ministro de Desenvolvimento, José Echegaray, em 1906. Eu o conhecia desde quando ele era ministro de Fomento, quando jovem, no sexênio democrático, e ainda estão em prática as suas ideias, para incorporar a ciência na sociedade espanhola. Quando mais velho, com 70 anos, comprava material científico em toda a Europa, como aqueles que eram fornecidos aos institutos; isso é o que vejo em documentos que encontrei no Arquivo Geral da Administração (AGA). Fiquei buscando conexões e relacionamentos com os esforços feitos durante todo um período histórico e com seus antecedentes. Por isso, tenho uma visão geral de todo um século de sua operação sobre o ensino médio. Portanto, estava interessado no século XIX, passei pelo sexênio democrático, depois, me concentro no século XX, na JAE, e, em seguida, passei a me ocupar com o período republicano, com os filhos de Cajal – um grupo que tenta europeizar o país. Um país que teve uma relação difícil com a ciência, fracamente industrializado, com problemas políticos. Eles se esforçaram muito para democratizar a sociedade. Continuaram apostando na renovação científica e educacional, o que teve seu ápice nos anos republicanos. E assim encerrei o ciclo que havia começado. No verão passado, dei uma conferência, penso que foi bonita, sobre Manuel Ruiz Zorrilla. Houve uma homenagem, em sua cidade natal, ele que foi ministro do Desenvolvimento no sexênio democrático, e depois, primeiro-ministro. Eu o conectei ao esforço de renovação científica enquanto estava na política, pois é ele quem nomeia Echegaray para o Ministério do Fomento, o que forma o arco dessa visão geral que tenho agora, dos esforços de renovação científico-educacional na Espanha. Agora, passei a outra preocupação, da segunda metade do século XX, e que diz respeito àqueles que são derrotados na Guerra Civil, que têm que ir para o exílio, e estou sensibilizado pelo que essas pessoas fizeram, especialmente no México. Tenho acompanhado o trabalho de uma editora e de outra revista, a *Revista Ciencia*. Essa revista é financiada pela Editora Atlante, que estudei, o que me permitiu conhecer pessoas maravilhosas, como a filha do editor da Atlante no México. E ali recebi o caderno de seu pai, desenhado na França, logo após cruzar a fronteira, quando recém-exilado. Ele já pensava em ganhar a vida e abrir uma editora, porque tinha tido uma editora em Barcelona. O exílio me interessa. A ciência que se faz aqui, no CSIC e fora dele, me interessa. E as conversas têm sido gratificantes. A cada dia você encontra um elemento novo. E as fontes são inesgotáveis.

Entrevistadoras: No seu livro sobre a *Breve história da ciência espanhola* você fala de um documento, uma foto, de García Lorca olhando uma lâmina através de um microscópio, em um laboratório na Residencia de Estudiantes. É uma cena emblemática e representa toda essa composição de ciência e educação sobre a qual falamos. Ao falar sobre essa foto percebemos o seu domínio da historiografia da ciência espanhola nesse período, o que marca sua grande preocupação com a documentação.

López-Ocón: Então, falar da disponibilidade das fontes é importante, do acesso a elas. Isso é muito significativo na carreira de um pesquisador e na formação das redes de trabalho. Penso, neste momento, no trabalho de divulgação, de dar acesso e disponibilidade às fontes por meio da página do CSIC. Pensando o mundo contemporâneo, esta nova realidade da disponibilidade

digital de fundos, vemos que estamos em outro lugar. Pois, do ponto de vista do acesso, podemos acessá-las de diferentes lugares. E isso implica pensar nas redes que se estabelecem, na mobilidade, e que podemos pensar em fortalecer ainda mais esses laços entre a Espanha e a América Latina, e o Brasil. É essencial apostar na ciência aberta. Primeiro, porque é a forma pela qual nossas obras podem circular com mais facilidade; por outro lado, a ciência aberta permite tornar acessíveis as fontes de conhecimento por meio do novo. A rede, certo? Por meio das novas tecnologias de comunicação. Facilitando o acesso a essas janelas de conhecimento, é favorecida a construção de redes entre pesquisadores. E isso nos faz pensar nos problemas em nível global. Porque essa consciência que a gente tem, nesse momento, de pensar globalmente, é tecnicamente viável. Há disponibilidade, de forma acessível, às fontes dispersas por todo o mundo. Antes, um historiador global precisava de muitos recursos financeiros. Ser capaz de acessar fontes de conhecimento em diversos lugares. Hoje, você pode ser um historiador global do conhecimento do seu computador. Então, as condições técnicas estão sendo criadas, graças a um esforço conjunto e extenso, que nos permitirão sermos historiadores globalistas do conhecimento. Por isso que eu, na medida em que posso, aposto muito em ser um curador de conteúdo.⁸ Dado o volume de informação que existe, o número de repositórios digitais, guias, conselheiros, são necessários. Deixe-os indicar onde está o minério, aos que ficam atrás, aos colegas. Onde devemos procurar? E onde estão as minas mais férteis? Por outro lado, devemos insistir que tudo possa ser digitalizado, pois é conveniente fazer isso, tornar tudo acessível. Por exemplo, eu já disse que queria fazer a biografia intelectual de Jiménez de la Espada. Editei suas cartas, mas não consegui fazer isso. No entanto, elas estão acessíveis digitalmente. Abri a autorização para que outros possam trabalhar com elas. O material está aberto. Mas deixe os outros... Deixe-os fazer isso. Agora estou pesquisando engenharia de construção, graças ao fato de terem feito bem a digitalização. No Brasil também há um grande desenvolvimento desse aspecto da história digital. Há tempos vi um site extraordinário, sobre os fundos científicos de dom Pedro II, quando fiz um levantamento para uma publicação sobre os avanços da história digital na Europa e América Latina.⁹ Era sobre as viagens do imperador aos Estados Unidos e os assuntos que o preocuparam na Filadélfia. Achei maravilhoso. Então é isso, posso desde Madri, aproximar-me do mundo de dom Pedro... E essa é a importância do trabalho dos historiadores, falar com os mortos. Porque, em última análise, toda a nossa obsessão é trazer o mundo dos mortos para o nosso mundo. Pessoas mortas que, por intermédio de A ou B, ressoam em nossas vidas... Sou daqueles que pensam que somos herdeiros.

Entrevistadoras: Pensando no conteúdo do que você nos diz, há essa demarcação de pensar em gerações de cientistas na história, tanto na entrada e participação de cientistas em redes, quanto pensando na formação e ampliação do espectro de atuação de novos públicos da ciência.

López-Ocón: Por isso os guias, por isso são necessários conselheiros. Para orientá-los em direção aos problemas que nos preocupam. Agora, por exemplo, as mudanças climáticas são um assunto obsessivo. Cada geração se interessou pela história do clima e temos os materiais

8 Atividade que o pesquisador tem realizado por meio de dois blogs: <https://jaeinnova.wordpress.com/> e <https://leonciolopezozon.wordpress.com/>.

9 Para conhecer essa pesquisa, acesse: <https://leonciolopezozon.wordpress.com/2015/05/31/avances-de-la-historia-digital-en-europa-y-america-latina-en-la-segunda-quincena-de-mayo-de-2015/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

que precisamos recuperar, para saber como outras crises climáticas foram enfrentadas. Está claro que tudo se acentuou. Tudo está se acelerando. Mas, encontrei problemas no passado, com nossos ancestrais, talvez de outra ordem de grandeza, porém, semelhantes aos nossos. Vejo isso nas fontes. Bem... eu vivo em sociedade, tenho desafios. Temos uma curiosidade entre nós. Qual é a condição da mulher na ciência espanhola? O que a sociedade pensa sobre esse assunto? Outra coisa diz respeito à formação. E a juventude e a ciência? Sou melhor para resolver problemas práticos do que para teorizar. Busco o empírico. E agora, sendo presidente de uma sociedade, tomamos a decisão de nomear uma mulher como diretora da revista; na equipe que ela está criando predominam mulheres, pois este é o século de um protagonismo das mulheres no espaço público, nas academias. É a hora. Espero que a próxima presidência da Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas seja de uma mulher. Afinal, já existem profissionais qualificadas no Conselho de Administração. Eu gosto de trabalhar com mulheres, como já disse, assim foi nos trabalhos da Comissão Científica do Pacífico, em relação aos institutos históricos, com bibliotecárias, professoras. Enfim, tenho estado sempre rodeado de mulheres trabalhadoras, responsáveis, no âmbito doméstico e na esfera profissional. Aliás, uma conferência que estive preparando fala de uma associação de inventores com sede em Madri do início do século XX e há o relato de um jornalista sobre a presença de mulheres naquela associação de inventores, interessadas em eletricidade e em química. Uma delas estava interessada em fazer perfumes, dedicando-se ao mundo da cosmética, o que está intimamente associado à vida cotidiana. Outra estava dedicada ao mundo da eletricidade, inspirada pelo pai que era um eletricitista e que lhe ensinou as chaves do mundo da eletricidade. Mesmo Jiménez de la Espada tem um discurso, quando o nomearam acadêmico de história, intitulado “Las primeras limeñas”, dedicado a fazer um histórico sobre os primeiros habitantes de Lima, tanto europeus, quanto indígenas. E ele fica cativado pelas mulheres, por sua importância histórica, nas viagens pela América do Sul. Fala sobre as “mulheres cobertas de Lima”, o que chama muita atenção dos viajantes e observadores. Na época do sexênio democrático, os democratas liberais criaram uma associação para a educação das mulheres, criaram-se círculos de mulheres educadoras, algumas das quais, ilustradoras científicas, se interessavam pelo mundo da ciência. Há barreiras, limitações que dificultam que adentrem no mundo universitário. Mas há a preponderância de seu papel no espaço privado, com encontros em Madri, de mulheres atuantes. Há mulheres criativas, que se relacionam com a arte do *design*, em cujos trabalhos se pode ver o domínio das técnicas. Mulheres que tiveram pensões do JAE, ligadas mais à educação do que à ciência, mas que vão às conferências científicas, estão nas sociedades científicas. Eram vistas em posições subordinadas, mas há bibliotecárias, cartunistas, ativas. No Instituto Nacional de Física e Química, um químico chamado Enrique Moles assina os trabalhos e ele tem uma equipe cheia de jovens químicas. Isso também é detectado...

Entrevistadoras: E os jovens? Como você os vê na Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas?

López-Ocón: Temos que trocar o nosso *chip*. É uma conquista para uma sociedade trabalhar com pessoas da geração de Álvaro Ribagorda. Você não é obrigado a fazer parte de um grupo, mas é claro que, para que essa participação ocorra, essas sociedades têm que oferecer elementos atrativos. Uma das decisões que o Conselho Administrativo da SEHCYT tomou foi organizar visitas guiadas coletivas a exposições para os seus parceiros. Assim, celebramos a primeira visita coletiva guiada a uma exposição no Museu Naval, sobre a expedição de Jorge Juan e Antonio

de Ulloa à Audiencia de Quito para medir o grau do meridiano. Era aquela polêmica sobre qual era o formato da Terra, se era achatada nos polos ou no equador, uma polêmica entre Newton e Descartes, que foi estudada por Antonio Lafuente (Lafuente e Mazuecos, 1987), em *Los caballeros del punto fijo*. Você tem que inventar coisas para atrair novos membros. Agora, por exemplo, uma das medidas que quero aplicar é atribuir prêmios ao melhor trabalho, a melhor tese de doutoramento, a melhor dissertação de mestrado, prêmios em euros, eximir os vencedores de taxas, pedir sua incorporação à sociedade, proporcionar uma agremiação aos autores. Pensar como a Sociedad Española de Historia de la Educación (SEDHE). Eles têm uma *newsletter*, que é produzida por uma equipe muito grande, de 200 pessoas. Você tem que jogar com os jogadores que tem. Decidi ser presidente porque a sociedade vai comemorar 50 anos, e creio que isso merece ser comemorado. Parece que contribuí para sustentar esse meio século, também, certo? Eis o mundo ao qual dedico parte da minha vida, depois de renunciar ao americanismo, e por isso quero contribuir para esse quinquagésimo aniversário. Mas vou fazer um esforço para que quem me substitua seja uma mulher. Rejuvenescer a sociedade. A SEHCYT edita a revista *Llull*, que está aberta à colaboração dos latino-americanos. Porque manter relações com a América Latina é de interesse da SEHCYT. Por isso, considero importante a Rede Ibero-Americana de História da Educação em Ciências (REDiHEC), porque ela poderia ser o embrião para que uma outra sociedade latino-americana da história das ciências e das técnicas possa ser construída, sobre novas bases, porque há boas equipes no Brasil, Chile, Argentina, México, Colômbia... Então teríamos que nos confederar, coordenar, criar algum espaço de intercâmbio, para que haja uma nova possibilidade de entrelaçamentos latino-americanos.

Referências bibliográficas

- LAFUENTE, A.; MAZUECOS, A. *Los caballeros del punto fijo: ciencia, política y aventura en la expedición geodésica hispanofrancesa al virreinato del Perú en el siglo XVIII*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.
- LÓPEZ-OCÓN, L. *Breve história da ciência espanhola*. Madrid: Alianza, 2003.
- LÓPEZ-OCÓN, L. *El cénit de la ciencia republicana: los científicos en el espacio público (curso 1935-1936)*. Madrid: Sílex, 2023.
- LÓPEZ-OCÓN, L. Three moments of Spanish contributions to the history of science in Latin America during the second half of the twentieth century. In: PAZ RAMOS, M.; ARBOLEDA, L.C. (eds.). *History of science in Latin America: the construction of an intellectual field (20th century)*. Essays in honor of Juan José Saldaña González. London: Springer Nature, 2024. p. 19-38.
- LÓPEZ-OCÓN, L.; PÉREZ-MONTES, C.M. (ed.). *Marcos Jiménez de la Espada (1831-1898): tras la senda de un explorador*. Madrid: CSIC, 2000.
- LÓPEZ-OCÓN, L.; CHAUMEIL, J.-P.; VERDE CASANOVA, A. *Los americanistas del siglo XIX: la construcción de una comunidad científica internacional*. Madrid: Iberoamericana; Vervuert, 2005.
- RAMÓN Y CAJAL, S. *Los tónicos de la voluntad: reglas y consejos sobre investigación científica*. Leoncio López-Ocón (ed.). Madrid: Gadir, 2015.

Recebido em 05/06/2025

Aceito em 08/10/2025